

AS TRANSFORMAÇÕES DO FENÔMENO MORTE NO CONTEXTO DAS PRÁTICAS DE RITOS FUNERÁRIOS NA SOCIEDADE PÓS- MODERNA

LA TRANSFORMATION DU PHÉNOMÈNE DE LA MORT DANS LE CONTEXTE DE PRATIQUES EN RITES FUNÉRAIRES DANS LA SOCIÉTÉ POST-MODERNE

Cristian Leandro Metz¹

Ana Luiza Carvalho da Rocha²

Desde que estou retirando só a morte vejo ativa,
Só a morte deparei e às vezes até festiva.
Só a morte tem encontrado quem pensava encontrar vida,
E o pouco que não foi morte foi de vida Severina.

Morte e vida Severina – João Cabral de Melo Neto (1955)

RESUMO

O processo de industrialização ocorrido desde o século XVIII configura uma transformação estrutural na organização das sociedades, principalmente no contexto urbano. Neste artigo, por meio de uma revisão bibliográfica, abordam-se os ritos funerários atualmente presentes nas culturas oriental e ocidental, sob a ótica das mudanças ocorridas no contexto principalmente do Ocidente. Para tanto, buscou-se autores que abordam o fenômeno da morte nas suas pesquisas e que tratam tais práticas mortuárias inseridas na sociedade pós-moderna. Nesse sentido, trataremos deste tema, principalmente sob o ponto de vista histórico e sociológico, fundamentado por Ariès (2003), Bayard (1996) e Reis (1997), relacionando este processo ao que Bauman (2001, 2008) sugere ser o nosso cotidiano pós-moderno. Segundo Abbagnano (1982), é interessante compreender os aspectos filosóficos acerca da morte nos ritos funerários da cultura hinduísta, judaica e cristã e como tais práticas se transformam principalmente na modernidade líquida atual.

Palavras-chave: Morte. Ritos Funerários. Industrialização. Sociedade Oriental. Sociedade Ocidental.

RÉSUMÉ

Le processus d'industrialisation se est produite depuis le XVIIIe siècle met en place un changement structurel dans l'organisation des sociétés, en particulier dans le contexte urbain. De cette façon, nous avons l'intention d'aborder les rites funéraires actuellement présents dans les cultures orientales et occidentales, dans la perspective de changements, à travers une revue de la littérature en particulier dans l'Occident. Par conséquent, nous avons cherché à auteurs qui abordent le phénomène de la mort concernant ces pratiques mortuaires insérés dans la société postmoderne. Il existe de nombreux auteurs qui dépeignent la question de la mort dans de nombreux contextes et de sociétés différentes. En ce sens, nous allons résoudre ce problème, en particulier dans une perspective historique et sociologique de vue, sur la base de Ariès (2003), Bayard (1996) et Reis (1997), concernant à ce que Bauman (2001, 2008) appelle notre quotidien post-moderne. Selon Abbagnano (1982), il est intéressant de comprendre les aspects philosophiques sur la mort dans les rites funéraires de la culture hindoue, juive et chrétienne et comme telles pratiques changent, principalement dans la modernité liquide actuelle.

Mots-clés: Mort. Rites funéraires. Industrialisation. La société orientale. La société occidentale.

¹ Graduado em Moda (Universidade Feevale, 2013), Mestrando em Processos e Manifestações Culturais (Universidade FEEVALE, 2014). Bolsista FAPERGS/CAPES. E-mail: crismetz@feevale.br

² Pós-doutora em Antropologia sonora e visual (Universidade Denis Diderot, Paris VII), Antropóloga do Laboratório de Antropologia Social (PPG em Antropologia Social/UFRGS) e professora da Universidade FEEVALE. E-mail: analuiza2@feevale.br

O FENÔMENO MORTE E SEUS ASPECTOS FILOSÓFICOS.

Como podemos definir a morte dentre tantas crenças e suposições? Segundo Bayard (1996, p. 37) “não podemos dar definição precisa da morte, mas só opô-la à vida, que também não pode ser definida”. E, neste sentido, as religiões e a filosofia sempre procuraram um sentido quando se trata da origem e destino do homem, enquanto raça humana; os aspectos relacionados à morte surgem no decorrer da história, com o desenvolvimento e evolução das civilizações, de diferentes culturas, ideologias e crenças.

Deste modo, podemos utilizar do mais vasto repertório de interpretações e possibilidades, nos apropriando da linguagem filosófica de Abbagnano (1982) em seu Dicionário de Filosofia. Nele, o autor considera a morte ou como o falecimento, que é um fato que tem lugar na ordem natural das coisas ou como uma relação específica da existência humana, que depois também será abordada como o início ou o fim de um ciclo de vida e como uma possibilidade existencial.

Se optarmos por considerar a morte somente como falecimento, ela não deixa de ser um fato natural como todos os outros e não assume nenhum significado específico para o homem e mulher. Cada vez que se fala da morte no sentido de um fato natural, entende-se a morte como falecimento (ABBAGNANO, 1982).

Se optarmos por perceber a relação específica da morte com a existência humana, devemos atentar que ela pode ser entendida sob três enfoques: como o início de um ciclo de vida, como o fim de um ciclo de vida ou como uma possibilidade existencial.

Como início de um ciclo de vida, a morte é entendida por muitas doutrinas que admitem a imortalidade da alma. Para tais doutrinas, a morte é o que dizia Platão: “a separação da alma do corpo”. Com esta separação de fato, inicia-se o novo ciclo de vida da alma: seja que este ciclo se entenda como reencarnar-se da alma em um novo corpo, seja que se entenda como uma vida incorpórea (ABBAGNANO, p. 653/654).

Já no ponto de vista que tange à morte como fim do ciclo de vida, podemos nos deter ao que pensavam alguns filósofos acerca do assunto. Marco Aurélio a considerava como repouso ou cessação dos cuidados da vida. Ele articula que “na morte está o repouso dos contragolpes dos sentidos, dos movimentos impulsivos que nos arrastam aqui e ali como marionetes, das divagações de nossos raciocínios, dos cuidados que devemos ter para com o corpo” (ABBAGNANO, 1982). Por sua vez, Hegel considera a morte como o fim do ciclo da existência individual ou finita pela sua impossibilidade de adequar-se ao universal. A inadequação do animal a universalidade é sua doença original e é o germe inato da morte. A negação desta inequação é precisamente, o cumprimento do seu destino (IDEM, 1982, p. 654).

E, como terceira forma de percepção da morte, Abbagnano (1982) compreende que, como possibilidade existencial, a morte não seria um acontecimento particular, situável no início ou no fim de um ciclo de vida próprio do homem, e sim, uma possibilidade sempre presente na vida humana. E ainda cita que a morte é a nulidade possível das possibilidades do homem e da inteira forma do homem. Bayard (1996, p. 31) complementa esse pensamento informando que:

Desde os tempos mais recuados, em todas as civilizações, cerimônias muito particulares acompanham a memória daquele que deixa o nosso mundo. Honrado ou temido, o morto se beneficia de presença permanente: um culto no qual a fé e a esperança dos vivos inscrevem-se nos valores do sagrado. A morte torna-se a antecâmara de mundo novo, que queremos crer de horizontes resplandecentes, de um além do qual ninguém volta e que todas as tradições imaginam sensivelmente da mesma maneira como lugar de felicidade.

Nesse sentido, a fé nas religiões tem como principal objetivo o de preparar os seus fiéis para este rito de passagem que, invariavelmente, se faz presente no cotidiano de toda a humanidade e que representa um fenômeno muito especial, senão o mais especial para a experiência humana: a percepção e a tomada de consciência da nossa finitude.

1. Os aspectos religiosos do fenômeno morte nas culturas hinduísta, judaica e cristã.

A seguir, abordaremos a forma como o fenômeno Morte é percebido dentro de três diferentes cultos, tanto politeístas como monoteístas, presentes nas sociedades ocidental e oriental. Cada cultura tem formas muito particulares de realizar o culto aos seus mortos e essa abordagem histórica faz-se necessária para a percepção das modificações ocorridas na prática dos ritos funerários, principalmente na sociedade cristã ocidental.

2.1- A história da morte na cultura hinduísta

No período que compreende os anos entre 1.900 e 500 a.C, encontram-se a cultura dos povos Védicos que, sendo nômades e vivendo em regiões inóspitas, introduzem a ideia de reencarnação como a possibilidade de renascerem, após a morte, em lugares mais favoráveis (BITENCOURT, 2007). Tais culturas e crenças dão origem ao hinduísmo, religião politeísta e que acredita na existência de reencarnações anteriores e que geram os *karmas*³, determinantes

³ Termo extraído das doutrinas bramânicas, com o qual se procura interpretar a lei de ação e reação. Nas religiões da Índia, sujeição ao encadeamento das causas.

para a reencarnação do ser em determinada casta⁴. Segundo Caputo (2008) os hindus tem o costume de incinerar os cadáveres; tal atitude tem a intenção de despojar sua identidade, personalidade e inserção social. Uma vez consumido pelo fogo, as cinzas são lançadas ao vento ou nos rios. Por meio de deste ritual os hindus objetivavam a sua representação da morte que consiste na passagem para outro plano da existência, o da paz originária. O autor complementa dizendo que a cremação é considerada obrigatória para todos, com exceção de crianças abaixo dos cinco anos. Tal costume é executado envolvendo os corpos em tecidos e queimando-os em piras a beira do Rio Ganges, sagrado ao povo hindu.

Chaitanya (2001) considera algumas curiosidades sobre a importância do rio nas práticas funerárias do povo Hindu: relata que o Ganges tem um valor espiritual muito importante para as pessoas que seguem o hinduísmo, acreditando que ele tem a capacidade de purificar todos os pecados. Eles acreditam também que suas águas descem diretamente dos céus, por obra constante do deus Brahma, criador do universo. Dentro dos rituais praticados à beira do Ganges, um muito comum é a visita de milhares de devotos que, ao amanhecer, tomam banho nas águas poluídas do rio, pois creem que o rio possui a capacidade de purificá-los de todos os pecados e, então, os fazem ascenderem a uma nova reencarnação, numa casta superior àquela em que estavam. Nas suas margens, há vários postos de cremação, onde os mortos são queimados, ininterruptamente, e as cinzas encontram o destino final em suas águas. As famílias que trazem seus mortos para serem cremados, acreditam que estes serão purificados e se libertarão da servidão material. A cena de imensas fogueiras, para cremar os corpos dos mortos, se repete todos os dias. Antes de serem cremados, porém, os corpos são lavados nas águas do rio, depois colocados para escorrer o excesso de água.

A autora prossegue informando que as mulheres estão proibidas de assistirem às cerimônias de cremação, porque ao chorar, impedem que a alma vá para o Nirvana. É comum ver famílias tirando fotos ao lado do morto, na sua pira crematória. O parente, que acende a fogueira, tem a cabeça toda raspada, em sinal de luto. Ao final da cremação todos os familiares presentes deverão tomar um banho no rio.

Tomasi (2007, p. 41) relata, com muita comoção, o que viu ao chegar à beira do Ganges:

A intensidade espiritual é tanta que já chegamos à beira do Ganges com lágrimas nos olhos e um carço na garganta. [...] É muita energia sendo expandida, trocada, sentida. Muitas pessoas meditando, rezando, banhando-se, ofertando, aguardando a morte.

Prossegue relatando o que viu em um dos crematórios na beira do rio:

⁴ Cada uma das classes em que se dividem os povos da Índia.

Descemos do barco no meio da fumaça de um corpo incandescente, coberto com um saco branco e flores. Os pés e as canelas ficaram de fora e ainda não tinham sido transformados em cinza. [...] Cinco pessoas rezavam em volta do corpo e jogavam oferendas. Ao lado desse, havia o corpo de um *brâmane*⁵, já em cinzas, que estava há dias queimando. [...] Para eles, o corpo não é nada, não tem choro ou desespero em volta, nem nenhuma sensação mais profunda. Todos apenas rezam (IDEM, 2007, p.42).

Ressalto que trataremos, no decorrer deste artigo, sobre os processos ocorridos no culto aos mortos na sociedade moderno-contemporânea. Notamos que na cultura hindu, a prática da cremação é uma tradição e cumpre com a função espiritual de encaminhamento da alma daquele falecido ao encontro dos seus Deuses e, conseqüentemente, atua no processo de reencarnação. Diferente da cultura ocidental, a cremação à beira do Ganges faz parte da tradição do culto aos mortos naquela religião. Na prática ocidental, a cremação surge como proposta higienista do fenômeno Morte, como será relatado no decorrer deste artigo.

2.2- A perpetuidade da alma na cultura judaica

A mais antiga das religiões ocidentais fundamenta-se nas escrituras deixadas pelos profetas hebreus, autores dos livros sagrados do judaísmo e que, posteriormente, foram incorporados ao Velho Testamento da Bíblia Sagrada. O Judaísmo, segundo Bayard (1996, p.123) “proclama a perenidade da alma: a morte só afeta o corpo físico, para o qual a missão terrestre se encerra”. Prossegue expondo que:

O judeu não sente medo nem perturbação diante da morte; tal interpretação codifica os ritos de luto, os quais não são estéreis, mas salutareis e edificantes para aqueles que o observam. Eles os levam a tomar consciência do verdadeiro sentido da vida e da necessidade de “tornar rentável” ao máximo a curta passagem por este mundo, a minimizar a importância do físico e material e a renunciar, enfim, a identificar seu ser com seu corpo, para não desaparecer com ele quando se tornar pó (IDEM, 1996, p.123).

Indo de encontro a Bayard (1996), considera-se existencialmente quase impossível para um ser humano, qualquer que seja sua religião, etnia ou preparo cultural, o fato de não se perturbar diante da morte de entes queridos ou da morte em geral. Entretanto, podemos concordar que a finalidade do ritual em si, poderia levar a isso: teria como função preparar seus adeptos para se perturbarem em menor intensidade ou não se perturbarem diante da morte.

⁵ Sacerdote indiano da religião de Brahma ou membro da primeira das quatro castas indianas. Membro da casta sacerdotal.

Lamm (2009) entende que a morte é a crise da vida. A maneira de um homem lidar com a morte indica muito sobre sua atitude para com a vida. Assim como há um estilo judaico de vida, também existe um estilo judaico de morte. E conclui seu pensamento afirmando que:

Da mesma forma que a maneira judaica de viver é uma perspectiva distinta e um estilo de vida singular específicas de Deus, assim também a maneira judaica de morrer implica atitudes singulares em relação a Deus e a natureza, e relativamente ao problema do bem e do mal. Há também uma maneira distintiva de demonstrar as qualidades específicas judaicas de reverência pelo homem e respeito pelos mortos (IDEM, 2009, p.01).

Sobre a preparação do morto para os rituais de passagem, Bayard (1996) descreve que o corpo da pessoa falecida deve passar por toailete completa que tire dele toda a sujeira e toda impureza, afim de que possa apresentar-se diante do seu Senhor. O ato de lavar os mortos é costume geral encontrado mais ou menos desenvolvido na maior parte das civilizações. Essa função, muitas vezes, é dada às mulheres, porém na prática judia, são designados quatro homens para prestar os cuidados fúnebres ao seu companheiro. A toailete funerária encerra o sentido sagrado e condiciona o futuro “pós-morte” do defunto: toda sujeira deve desaparecer.

Conforme Lamm (2009) a tradição judaica reconhece a democracia da morte. Exige, portanto, que todos os judeus sejam enterrados no mesmo tipo de veste – uma mortalha branca simples. Ricos ou pobres, todos são iguais perante Deus, e aquilo que determina sua recompensa não é a roupa que vestem, mas aquilo que são. Há quase 2.000 anos essa prática foi instituída para que os pobres não ficassem envergonhados e os ricos não exibissem o custo de suas roupas do funeral.

Tanto Bayard (1996) quanto Lamm (2009) definem o luto israelita, que possui como sinal mais aparente da dor da perda, a dilaceração (*queriah*) que é o ato dos enlutados rasgarem suas roupas antes do funeral. Bayard (1996, p. 127) informa que:

Os sete parentes próximos⁶ tem a obrigação de fazer uma rasgadura em sua roupa: de pé, recitando a bênção dirigida ao Juiz da Verdade, “rasgam a roupa na altura do coração, da beirada superior para baixo, no comprimento de 10 cm”. Às vezes é arrancado apenas um botão da camisa.

Para o rito de rasgar a roupa, só poderão fazer parte, conforme Lamm (2009) adultos acima da idade de treze anos. Menores, que sejam realmente capazes de entender a situação e avaliar a perda podem ter as roupas rasgadas por outros parentes ou amigos. E Bayard (1996, p.128) conclui informando que “somente depois de trinta dias é que se pode coser novamente as duas partes e que nas roupas das crianças, esse conserto deve ser feito de forma grosseira”.

⁶ Os sete parentes próximos são o pai, a mãe, o cônjuge, os filhos e as filhas, os irmãos e as irmãs.

2.3- O temor à morte na perspectiva cristã

Na mais antiga compilação cristã de textos considerados sacros, a Bíblia, a questão da morte é tratada em várias passagens. E é importante perceber que ela mostra a morte com pelo menos, duas faces distintas: no Antigo Testamento, a morte é vista como algo natural. O que não é natural no Antigo Testamento é a morte na juventude; nesta fase da vida ela é vista como maldição:

Olhe, está chegando o tempo em que eu matarei todos os moços da sua família e da família do seu pai para que nenhum homem da sua família chegue a ficar velho. [...] Deixarei vivo apenas um de seus descendentes, que será meu sacerdote. [...] E todos os seus outros descendentes morrerão de morte violenta (BIBLIA, 1988, p. 284⁷).

Enquanto na juventude a morte é vista como maldição, na velhice é vista como bênção, de acordo com o que está escrito no livro de Gênesis, capítulo 25, versículos 7-8 que informa que “Abraão viveu cento e setenta e cinco anos. Ele morreu bem velho e foi reunir-se com seus antepassados no mundo dos mortos” (BIBLIA, 1988, p. 25). Bayard (1996), com relação ao sentimento cristão diante da morte, informa que o cristão teme a morte súbita, por que não lhe permite receber o santo sacramento da extrema unção⁸, que é o que purifica o corpo e restitui-lhe a saúde, eliminando suas impurezas. Continua dizendo que é bom que o moribundo seja provado pela doença, visto que esta é querida por Deus como castigo e purificação; a doença corporal desenvolve a saúde da alma.

Segundo Rodolpho (2004, p.142) “a morte cristã não se relaciona simplesmente com um cadáver, com o fim de uma vida, mas trata-se igualmente de uma nova condição, uma nova iniciação à vida eterna”. Bayard (1996) complementa informando que os ritos mortuários cristãos não apresentam nem a complexidade e nem o refinamento encontrado em outras civilizações e que a ressurreição é considerada no plano espiritual, por meio de do Juízo Final.

No tocante da perspectiva teológica Cristã o que mais chama a atenção é a percepção de que a morte é o que nos distingue de Deus, que é imortal: a nossa mortalidade faz com que o ser humano perceba que a vida não é criação e nem propriedade sua, mas sim, é um bem precioso confiado por Deus. Desta forma, a morte não pode ser encarada como um roubo, mas como a devolução do bem mais precioso que nos foi confiado.

⁷ Consultar 1 Samuel, capítulo 2, versículos 31-33

⁸ Sacramento destinado a quem está muito doente. É o último socorro da religião.

2. O processo de higienização no campo dos ritos mortuários

Philippe Ariès destaca nas suas obras⁹ as atitudes da cultura ocidental diante da morte; o autor acredita que, somente vivendo com o pensamento na morte, isto é, consciente de que se irá morrer um dia, é que se pode aproveitar bem a vida (ARIÈS, 1982). Tal consciência fazia parte da relação de “bem viver” e “bem morrer” e deixou de existir para os moribundos a partir do momento em que a morte foi escondida dentro dos hospitais, banida das conversas cotidianas e quando o luto deixa de ser vivido pelos enlutados. Eis que surge o processo de higienização do fenômeno Morte dentro da cultura ocidental.

O autor discute este processo no período pós 1ª guerra mundial até os dias atuais. Porém, a ação de higienização do fenômeno Morte se inicia nos anos oitocentos, com a criação dos cemitérios. Para este entendimento, nos apropriamos das palavras de Reis (1997)¹⁰, que nos transporta à época do Brasil Império. Resumidamente, é citado o texto deste autor para boa compreensão deste processo.

No período oitocentista, a morte ideal não deveria ser uma morte solitária, privada. Quando o doente estava no fim da vida, ele não se isolava num quarto de hospital; a morte era esperada em casa, na cama em que dormira por toda a vida, na presença dos familiares, ao que Ariès (1982) define como “uma manifestação social”. Além dos familiares, a presença de um padre era solicitada para que o enfermo pudesse receber o seu último sacramento: a extrema unção.

Essa proteção humana que cercava a hora da morte em nossa antiga cultura funerária era fruto de uma sociedade pouco individualista, em que a vida e a morte privadas ainda não haviam siado reduzidas ao pequeno mundo da família nuclear tipicamente burguesa. Isso valia mesmo para as classes superiores, em que este processo de privacidade iria aos poucos se instalando ao longo do século XIX, sempre com variações regionais, diferenças entre o rural e o urbano, além de outras variações (REIS, 1997, p. 108/109).

Antes da saída do morto de casa, outros ritos domésticos deveriam ser acionados, entre eles a toalete do cadáver com infusões especiais ou perfume. Em seguida, dava-se início ao processo de vestir adequadamente o defunto, tarefa também cheia de significados:

O uso dessas mortaldas piedosas sugere um apelo à proteção dos santos nela invocados e sublinha a importância do cuidado com o cadáver na passagem para o além, atenção com a alma em sua peregrinação expiatória e com a ressurreição no dia do Juízo Final. Vestir-se de santo representava desejo de graça, imaginar-se mais perto de Deus, antecipando participação na Corte Divina. A roupa mortuária protegia os mortos e promovia uma integração ditosa no mundo deles, mesmo que lá o endereço nem sempre fosse o mesmo (REIS, 1997, p. 114).

⁹ “A história da Morte no Ocidente” (2003) e “O homem diante da morte” (1982).

¹⁰ O cotidiano da morte no Brasil oitocentista

Adequadamente vestido, iniciava-se o velório na sala da própria casa, para posterior encaminhamento ao enterro. O cortejo fúnebre representava a última passagem pelo espaço mundano e deveria passar por todos os locais por onde o morto, em vida, passava. E a direção deste cortejo era a igreja que o defunto frequentou em vida.

Não só a aristocracia da época, mas também os negros se associavam às irmandades religiosas católicas sendo que os africanos o faziam, principalmente, para solenizar suas mortes. Como foram separados das suas famílias por ocasião da travessia para o Brasil, a associação numa irmandade católica lhe daria condições a um ritual fúnebre com todos os direitos. “As irmandades procuravam ser eficientes na mobilização de seu pessoal, devidamente aparatado, carregando bandeiras, cruzeiros e velas, além do esquife coletivo da associação” (REIS, 1997, p.122).

Outra questão fundamental da cultura funerária do passado era a escolha do local adequado para a sepultura; era indispensável ser enterrado em solo sagrado e perto de casa. Desta forma, as igrejas eram os lugares onde os corpos eram enterrados e a proximidade com a casa fazia com que aquele morto não fosse esquecido pelos seus. No Brasil oitocentista, ter uma sepultura dentro da igreja era como tornar-se inquilino na Casa de Deus. A proximidade da sepultura com as imagens de santos seria o que garantiria a aproximação espiritual entre a alma e os seres celestiais.

Ter uma cova dentro da igreja era também uma forma de os mortos manterem contato mais amigável com os vivos, lembrando-lhes que rezassem pelas almas dos que se foram. E aqui a proximidade de casa era fundamental, uma vez que facilitaria a permanência do morto na memória da comunidade de vizinhos e parentes. [...] Assim, os mortos vieram a ocupar os mesmos templos que frequentavam em vida, onde haviam recebido o batismo e o matrimônio (REIS, 1997, p. 125).

Porém, para a sociedade médica da época, os enterramentos no interior de aglomerações urbanas proliferavam doenças físicas: os médicos higienistas acreditavam na teoria dos miasmas, “segundo a qual a decomposição dos cadáveres produziria gases ou eflúvios pestilenciais que atacavam a saúde dos vivos” (REIS, 1997, p. 134). Neste período surgem os cemitérios: espaços localizados fora do perímetro urbano, com boa altitude e bem arejados, cercados de árvores para ajudar na purificação do ar e longe de fontes de água potável.

No contexto da transferência e/ou enterramento fora do espaço sagrado da Igreja, em 1835, três sócios mostram-se interessados em explorar os enterros na cidade de Salvador. Com o interesse particular de transformar a morte em comércio, uniam-se fervorosamente aos conceitos higienistas da época e reforçavam também que, “mais do que um negócio, o

empreendimento era uma forma de contribuírem para o desenvolvimento da Bahia” (REIS, 1997, p. 136). E, deduzindo que estariam trabalhando a favor de tal desenvolvimento, exigiam o monopólio dos enterros de Salvador por trinta anos!

No Brasil oitocentista, a criação de cemitérios particulares devastaria com as irmandades religiosas, visto que era com a associação dos seus membros que elas se mantinham. Transferir os enterros de dentro das igrejas faria com que não houvesse mais o interesse em associar-se a determinada irmandade, pois já não havia mais a garantia de enterramento em solo sagrado. E, por serem o principal agente da devoção tradicional, as irmandades assumiram papel importante na revolta contra a *Cemiterada*, nome dado as manifestações.

Nesta revolta, aristocratas e negros lutavam pelo direito de manterem seus enterros em solo sagrado:

Houve, entretanto, um líder, o Visconde de Pirajá, membro da importante família Pires de Carvalho e Albuquerque. Tinha assento na Assembleia Legislativa, era monarquista da tendência absolutista, adepto do catolicismo tradicional, associado a pelo menos duas ordens terceiras e valorizava a ostentação funerária como parte da ordem social. [...] Seu nome encabeçava uma petição contra o cemitério que circulou em Salvador por dez dias e que recebeu 280 assinaturas, número considerável numa sociedade com alto índice de analfabetismo. Membros de outras importantes famílias também assinaram, mas assinaram, principalmente comerciantes, funcionários públicos, e além deles artesãos e outras pessoas comuns. Esse abaixo-assinado ameaçava com a quebra da ordem social e política caso prevalecessem a “fome do ouro e o monopólio” contra os “interesses gerais” (REIS, 1997, p. 138/139).

Houve grande barulho no ataque aos cemitérios e, tanto homens como mulheres participaram deste ato. É notada a presença de escravos (caracterizados por apresentarem-se de pés descalços) e que formavam, muito fortemente, as irmandades da época. Provavelmente deve ter sido a primeira vez que as mulheres se juntaram aos homens para reivindicar seus direitos a uma boa morte. “Além de contar com homens e mulheres, o movimento foi pluriclassista e multirracial. Tanto o visconde como o escravo tiveram interesses em manter práticas funerárias tradicionais” (REIS, 1997, p. 139).

Mas decerto a motivação do visconde não foi a mesma que a do escravo. Ele defendia interesses senhoriais de uma aristocracia que, embora decadente – Pirajá andava endividado na ocasião -, e exatamente por isso, vivia em seus mortos, a glória do passado. A sepultura perpétua de sua família no Convento de São Francisco era um símbolo de privilégio e da esperança de que essa vantagem seria estendida ao Além. Já o escravo tinha razões igualitárias para defender a tradição: uma cova na capela da irmandade dignificava sua morte e representava a possibilidade de um melhor lugar no outro mundo, depois de haver ocupado o último lugar neste. Visconde e escravos tinham projetos diferentes para uma mesma rebelião (IDEM, 1997, p. 139).

O processo higienista acerca do fenômeno Morte modificou condutas que durante séculos “regulavam” a cultura espiritual. Sobretudo a epidemia de cólera que triunfou perante uma precariedade sanitária nos anos de 1855-6, os mortos foram expulsos dos espaços públicos a fim de manter a saúde física dos vivos. Já não havia mais convivência pacífica e solidária entre vivos e mortos. A desordem instalada pela epidemia fez ruir comportamentos nas práticas de bem morrer: “havia uma integração entre o teatro da vida e o teatro da morte” (REIS, 1997, p. 141). E o autor complementa esta última citação quando informa que:

Vivos e mortos faziam companhia uns aos outros nos velórios em casa, em seguida atravessavam juntos ruas familiares, vivos enterravam os mortos em templos onde estes haviam sido batizados, tinham casado, confessado, assistido a missas e cometido ações menos devotas – onde continuariam a encontrar seus vivos cada vez que estes viessem fazer essas mesmas coisas, até o encontro final sob aquele chão e no além-túmulo. Tudo isso agora acabara. No cemitério longe de casa e da paróquia as visitas seriam ocasionais, como se vivos e mortos tivessem, de repente, se tornado estranhos. A partir daquela mudança radical de cena, instaurou-se um estranhamento entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos, acompanhado de um esfriamento nas relações das pessoas com o sagrado (IDEM, 1997, p. 141).

Tais colocações sobre o cotidiano da morte no Brasil oitocentista nos fazem perceber as mudanças ocorridas no que diz respeito ao modo de morrer e o modo de pensar e sentir a morte. A partir do momento em que há esse distanciamento, o fenômeno já está passando, por o que Bauman (2001) sugere ser um processo de liquidez, que faz com que a morte torne-se impalpável, sendo “abolida” do mundo dos vivos.

3. A liquidez da morte – A relação dos textos de bauman e ariès e as modificações sofridas pelo fenômeno morte

Nestas últimas palavras, buscou-se relacionar os pensamentos de Bauman e de Ariès aos processos de transformação ocorridos no campo das práticas dos ritos funerários na atual sociedade. Como se pode perceber, essas transformações iniciam a partir da metade do século XIX e seguem acontecendo desde então. Ariès estuda tais transformações na atual sociedade moderna e industrial enquanto Bauman traz a baila as modificações e transformações ocorridas, principalmente, na sociedade pós-moderna.

Zygmunt Bauman é um sociólogo polonês, nascido em 1925 e trata do conceito de modernidade líquida. A modernidade líquida se refere à época atual em que vivemos: ela é um conjunto de ações que dão base para a contemporaneidade. É uma época de liquidez, fluidez, incertezas e inseguranças que se fazem presentes, cotidianamente, na vida e nas relações dos indivíduos. É nessa época que todos os referenciais morais aplicados até então dão espaço para uma sociedade do consumo e de artificialidades.

No contexto social, o autor retoma a memória e analisa o bem viver em comunidade; esta memória remete a um passado longínquo, a uma utopia do bem viver entre vizinhos e demais membros deste grupo, seguindo regras de bom convívio. E no que tange a cidade, Bauman (2001) a trata como um ajuntamento de pessoas estranhas umas as outras, que não tiveram nenhuma afinidade prévia e que, provavelmente, nunca terão.

Os estranhos se encontram numa maneira adequada a estranhos; um encontro de estranhos é diferente de um encontro de parentes, amigos ou conhecidos – parece, por comparação, um “*desencontro*”. No encontro de estranhos não há uma retomada a partir do ponto em que o último encontro acabou, nem troca de informações sobre as tentativas, atribuições ou alegrias desse intervalo, nem lembranças compartilhadas: nada em que se apoiar ou que sirva de guia para o presente encontro. [...] é um evento sem passado e frequentemente é também um evento sem futuro (BAUMAN, 2001, p.111).

No sentido de estranhamento, Ariès (2003) nos informa que o fenômeno Morte passou a ser algo estranho principalmente no cotidiano social. As conversas sobre o assunto foram banidas das rodas como se o fenômeno não existisse. Muito diferente de como era tratada¹¹, atualmente, dadas as transformações ocorridas, o antigo costume de morrer em casa é substituído pela morte no hospital; o cuidado familiar que o moribundo tinha é terceirizado por uma equipe de enfermeiros. O luto, antigamente cumprido rigorosamente, agora é discreto. E tal pensamento corrobora com o pensamento de uma sociedade consumista abordado por Bauman (2001) e nos faz pensar que, na atualidade, a morte (e tudo que a rodeia) passou a ser um serviço prestado por terceiros.

Em continuidade, Bauman (2001) informa que os espaços seriam lugares que se atribuem significados, sejam eles de consumo, de vivência, ou outro lugar no qual as pessoas lhe atribuam algum valor. Já os espaços vazios são justamente o contrário: não há nenhum significado atribuído aos mesmos. E o valor atribuído a esses espaços no passado, passa despercebido atualmente. As definições de espaços de vivências e de espaços vazios, aqui apontados por Bauman (2001), nos ajudam a pensar a diferenciação dos espaços de vivos e mortos que passam a existir após o processo higienista ocorrido no Brasil nos anos oitocentos. Segundo Reis (1997, p.141),

Vivos e mortos faziam companhia uns aos outros nos velórios em casa, em seguida atravessavam juntas ruas familiares, vivos enterravam os mortos em templos onde estes haviam sido batizados, tinham casado, confessado, assistido a missas e cometido ações menos devotas – onde continuariam a encontrar seus vivos cada vez que estes viessem fazer essas mesmas coisas, até o encontro final sob aquele chão e no além-túmulo.

¹¹ Segundo REIS (1997, p. 108) “a proteção humana que cercava a hora da morte em nossa antiga cultura funerária era fruto de uma sociedade pouco individualista, em que a vida e a morte privadas ainda não haviam sido reduzidas ao pequeno mundo da família nuclear tipicamente burguesa”.

Para Ariès (2003), na atual sociedade contemporânea, as formalidades para enterrar o corpo são cumpridas rapidamente; a modernidade está ameaçando até mesmo a visita ao túmulo. Na sociedade moderna e industrial na qual vivemos, recorre-se cada vez mais à cremação, como se houvesse uma ânsia por fazer desaparecer e esquecer tudo o que pode restar do corpo. Diferente da prática da cremação na cultura oriental, que tem por objetivo encaminhar aquela alma ao encontro de Deus, na cultura ocidental (e muito se deve ao processo de higienização sofrido nos anos oitocentos), este método é utilizado, somente, porque oferece menos riscos ambientais que o sepultamento dos corpos em covas de terra. É a morte tornando-se cada vez mais impalpável, mais líquida.

E como o assunto morte passa a ser banido, cada vez mais as pessoas passam a temer a morte, fato que até o início do século não era visto como tabu. O medo da morte é visto por Bauman (2008) como um medo inato, endêmico, do qual não se pode fugir. Esse medo seria, provavelmente, o preço cobrado pela nossa humanidade. Ao longo de Medo Líquido (2008), Bauman trata da questão do medo sob a ótica da sociedade pós-moderna: aborda sobre o medo da morte enquanto fator físico e trata também sobre medo e mal, que são sentimentos presentes no cotidiano e que não há como ser previsto.

No capítulo intitulado “O pavor da morte”, o autor fala um pouco sobre esse medo que apavora a todos nós:

O "medo original", o medo da morte (um medo inato, endêmico), nós, seres humanos, aparentemente compartilhamos com os animais, graças ao instinto de sobrevivência programado no curso da evolução em todas as espécies (ou pelo menos naquelas que sobreviveram o bastante e, portanto, deixaram registrados traços suficientes de sua existência). Mas somente nós, seres humanos, temos consciência da inevitabilidade da morte e assim também enfrentamos a apavorante tarefa de sobreviver à aquisição desse conhecimento - a tarefa de viver com o pavor da inevitabilidade da morte e apesar dele (BAUMAN, 2008, p. 45).

Bauman (2008) cita três tipos de medo: ameaças ao corpo e à propriedade; ameaças à ordem social e à confiabilidade (da qual depende a sobrevivência, o emprego, renda, seguridade social); e, por fim, os perigos que ameaçam o lugar das pessoas no mundo (hierarquia social, identidade – raça, gênero, étnica e religiosa).

Tomando-se como ponto de partida o exposto por Bauman (2008) podemos fazer referência aos comentários de Reis (1997) no que diz respeito à relutância da transferência dos mortos do espaço sagrado para o cemitério, no Brasil oitocentista, onde já havia a ideia do medo e das ameaças de perda de hierarquia social. E nota-se este sentimento no momento em que o Visconde de Pirajá coloca-se contra o processo higienista da época:

Ele defendia interesses senhoriais de uma aristocracia que, embora decadente – Pirajá andava endividado na ocasião -, e exatamente por isso, vivia em seus mortos, a glória do passado. A sepultura perpétua de sua família no Convento de São Francisco era um símbolo de privilégio [...]. (REIS, 1997, p. 139)

Bauman (2008) discute ainda o medo também associado à ideia de mal: de acordo com o autor, “o medo e o mal são irmãos siameses. Não se pode encontrar um deles separado do outro. Ou talvez sejam apenas dois nomes de uma só experiência - um deles se referindo ao que se vê e ouve, o outro ao que se sente” (BAUMAN, 2008, p.74). Enfrentamos atualmente males inesperados, produzidos por seres humanos que são tão imprevisíveis quanto qualquer catástrofe natural. Na modernidade líquida não existem sinais claramente definidos, que nos permitam identificar ou separar o bem do mal, e assim identificar amigos e inimigos. O mal pode surgir de qualquer lugar, a qualquer momento. E a consequência mais grave disto é não sabermos em quem confiar. Nesse contexto de incertezas e medo, as relações humanas e os vínculos sociais encontram-se extremamente ameaçados.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção do artigo teve como objetivo perceber as transformações ocorridas pelo fenômeno Morte no contexto das práticas de ritos funerários presentes nas culturas ocidental e oriental; além disso, objetivou-se perceber o processo de higienização ocorrida pelo fenômeno, principalmente no Brasil dos anos oitocentos.

Por meio deste artigo, percebeu-se que a prática de ritos funerários está presente em todas as civilizações desde os mais remotos tempos e que essas práticas podem mudar de acordo com as transformações das sociedades, nas suas diferentes culturas e sistemas de crenças. Muitas dessas modificações se devem ao processo de industrialização e racionalização pelo qual a sociedade está passando, porém, percebem-se maiores transformações na cultura ocidental, principalmente com o advento da cremação, muito utilizada na atualidade. Diferentemente da cultura hindu, onde a prática milenar da cremação tem o intuito de despojar a alma do ente falecido do seu corpo e encaminhá-la ao processo reencarnatório, na cultura ocidental tal prática surge como proposta higienista para o fenômeno Morte.

Em épocas de pós-modernidade, percebemos claramente as transformações ocorridas no processo de “bem morrer”, mas principalmente, nos processos de “bem viver”. Identificada por um crescente desapego nas relações interpessoais, pelo individualismo exagerado, pela cultura do consumo e por um desinteresse cada vez maior pelos fenômenos sociais, a sociedade pós-moderna transforma diariamente nossos desejos pela busca da felicidade,

ressignificando valores e prática que, até então, encontravam-se presentes, cotidianamente, na vida e nas relações das pessoas.

Por fim, acreditamos que este artigo possa contribuir no sentido de situar historicamente o fenômeno Morte no contexto social e familiar, de modo a possibilitar a pesquisa com relação às transformações ocorridas no contexto das práticas de ritos funerários, desde os anos oitocentos à sociedade moderno-contemporânea, principalmente no Ocidente.

REFERENCIAL TEÓRICO

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 2. ed. São Paulo, SP: Mestre Jou, 1982, 1026p.

ARIÈS, Philippe. **História da Morte no Ocidente**. Tradução: Priscila Viana de Siqueira. Ediouro, 2003, 312p.

_____. **O homem diante da morte**. Tradução: Luiza Ribeiro. Francisco Alves Ed. 1989, 837p.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Ed. 2001, 258p.

_____. **Medo Líquido**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Ed. 2008, 239p.

BAYARD, Jean-Pierre. **Sentido oculto dos ritos mortuários – morrer é morrer?** São Paulo, SP: Paulus Editora, 1996. 321p.

BÍBLIA. Português. **A Bíblia Sagrada: contendo o velho e o novo testamento**. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1988, 1439p.

BITTENCOURT, Renata Tonon. **Pensando a Morte e a Vida na ótica da Tanatologia e Biodanza**. 2007. Disponível em <http://www.pensamentobiocentrico.com.br/content/bv/2011/pensando-a-morte-e-a-vida.pdf>. Acesso em 22/jul/2014.

LAMM, Rabi Maurice. **A Maneira Judaica de Morrer**. 2010. Disponível em http://www.chabad.org.br/ciclodavida/Falecimento_luto/artigos/maneira.html#top. Acesso em 01/08/2014.

RODOLPHO, Adriane Luiza. **Rituais, ritos de passagem e de iniciação. Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 44, n. 2, p. 138-146, 2004.

REIS, João José. **O cotidiano da morte no Brasil oitocentista**. In: História da vida privada no Brasil: Império. Org. Luiz Felipe de Alencastro. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1997. 524 p.

TOMASI, Luciana. **Um spa na Índia**. 1 Ed. Porto Alegre, RS: Editora Libretos, 2007. 144p.

Artículo recibido: 14 de setiembre de 2015

Artículo aprobado: octubre de 2015

Artículo publicado: diciembre de 2015